

Influências na Universidade brasileira

Dois sistemas influíram na estrutura universitária brasileira. O francês marcou a nossa vida acadêmica com a Faculdade. Embora ela continue gozando de grande prestígio, na França, se discute sua substituição por outra divisão mais aberta. O «espírito de faculdade» é forte resíduo contra a integração. A influência americana, mais recente, tem-se feito sentir em métodos mais modernos, no departamento e na concepção ampla de Universidade. A reestruturação, ao modernizar a Universidade, adotará padrões americanos como: a divisão do curso em ciclos, básico e profissional; a coordenação didática; a ênfase na pesquisa. Como se harmonizarão essas estruturas oriundas de diversos sistemas?

A Universidade brasileira sofreu a influência, primeiramente, do sistema universitário francês e, mais recentemente, do ensino superior americano.

A reestruturação, ao atualizar a nossa Universidade, aumenta a influência americana, sobrepondo-a à presença es-

tratificada da Universidade francesa. Fenômeno que ocorre em todo o mundo, mesmo em países europeus.

Estas duas concepções universitárias causarão, certamente, conflito, na implantação da nova organização integrada, didática e produtivamente.

Mas a Universidade é sempre a resultância de mudanças e exigências. Não pode deixar de acompanhar a aventura nacional, refletindo e moldando a índole do povo.

A inglesa (Oxford e Cambridge) constituiu-se em "College" desde a época medieval e uniformizou a elite britânica.

A alemã, após Iena, sobretudo a de Berlim, marco da história da Universidade, concentrou suas energias na pesquisa, no ensino graduado e no estudo profundo. Dela, quase nada recebemos, diretamente, salvo a imagem da Faculdade de Filosofia. O que virá desta experiência inovadora será por via indireta, com quase dois séculos de atraso!

A francesa, especialmente a Universidade de Paris, mudou muito. Autêntica Universidade medieval, em 1261, refletiu o universalismo da época. Já ao tempo de Napoleão era bem diferente. Outra, talvez. Mas, quem não percebe nos seus bem arquitetados cursos magistrais a expressão da clareza, própria do gênio francês! O cartesianismo vivido!

A americana demonstra o espírito comunitário de seu povo. É uma instituição que, antes de tudo, deve servir à sua comunidade. Criação do grupo que a sustenta. O seu fim é servir às necessidades de formação superior, seja de líderes, políticos, homens de negócios, seja de executores, profissionais de nível menos elevado, porém, úteis. Nas suas colocações acadêmicas, percebe-se a indução anglo-saxônica.

E a nossa? De quem tanto se espera! É relativamente recente. Temos Universidade, no sentido formal. Em comparação com a americana ou a européia, o seu desempenho é muito relativo. É ainda predominantemente oral. Não conseguiu efetivar um padrão de trabalho docente — de ensino e de pesquisa — que lhe fornecesse um *status* próprio. Está em construção. E em busca de uma estrutura mais integrada. É "federação de escolas" ou "universidade por faculdades". Desvio histórico inicial não permitiu que possuísse uma base comum de conhecimentos. A conquista de integração é a luta pela própria existência como instituição. A integração administrativa e financeira a reestruturação acrescentará a didática, com emprêgo produtivo de recursos e determinação de pesquisar.

Mas, por outro lado, estamos formando uma Universidade ampla, sem exclusão de profissões ou ofícios menores. Iguala Direito e Administração; Medicina, Enfermagem, Odontologia e Nutrição; Filosofia, Serviço Social e Biblioteconomia; Geologia, Engenharia e Arquitetura; Artes Plásticas, Cênicas e Teatro; Veterinária e Agronomia; tôdas como unidades de graduação. E como serviços à comunidade: museus, cinemas, esportes, residências, serviços de divulgação, de assistência e ensino de línguas. Chegamos a uma forma larga de organização universitária, inconcebível em certos países europeus. O que mostra *o grande conjunto de atividades universitárias* — “multiversitário” — é a assunção de grande parte da responsabilidade do conhecimento e da cultura, em região em via de desenvolvimento.

É uma Universidade estatal, mais dependente das decisões políticas do que das emanações da comunidade. E por acaso alguma instituição pode viver, no Brasil, sem estar vinculada ao centralismo federal? Somos Estado, antes de Nação. E históricamente centro, antes de periferia, provinciana ou estadual.

As pressões aumentam para expandir o ensino superior e revelam as contradições. A dialética dos “excedentes” e da capacidade ociosa instalada. Falta de docentes, enquanto a maioria realiza três encontros-aulas semanais. Carência de recursos com duplicações de unidades, de compras, de equipamentos. Vontade de edificar “cidades universitárias” e pouca deliberação em utilizar os prédios construídos. Daí porque tenha a reestruturação visado diretamente os “recursos existentes na Universidade”. Optou pela produtividade e reservou-se quanto ao aumento quantitativo.

Quanto aos expedientes típicos brasileiros, não foram recepcionados e utilizados: a dinâmica do futebol e a motivação comunicativa do “bate-papo”, por exemplo. Se a aula francesa é cartesiana, por que a nossa não poderá ser efervescente como um “bate-papo”? Em vez de aula sôbre as necessidades, não poderíamos fazer uma discussão cerrada de como o homem consegue bens para suprir as carências? As vêzes, há lacunas incompreensíveis. Um exemplo de como a Universidade não se ocupa com a realidade mais próxima nos dá o Reitor Aluísio Pimenta: em Minas Gerais, Estado tradicionalmente famoso pelo seu bom queijo, não há sequer um curso superior de laticínios (1).

Há muito que fazer para completar a ampla Instituição. A reestruturação é um passo. Devemos saber tirar pro-

veito da Universidade francesa, alemã ou americana: o aprimoramento cultural, o espírito de pesquisa, o serviço à comunidade. Mas procurando sempre, com a reestruturação ou além dela, a forma e o funcionamento que melhor nos convenha.

Quem observe o ensino da administração verá que a Universidade, na Europa, buscou o refinamento da formação, o humanismo, conseqüentemente, se explica o seu apêgo à teoria, ao jurisdicismo, à filosofia; enquanto que a Universidade americana é bem mais prática, podendo ser considerada como uma "escola de aplicação". É a combinação da cultura européia com a prática de negócios. Na organização tradicional da Universidade do Continente, jamais haveria uma Escola de Gestão de Negócios, no entanto, os americanos trouxeram — elevando — esta e outras atividades para dentro da Universidade. A observação não exclui o alto nível cultural da Universidade americana, de que a de Harvard é exemplo conspícuo. Mas fornece uma visão da diferença entre os dois sistemas universitários que nos moldaram.

Limitar-nos-emos a estas duas influências: a primeira, de origem européia, francesa sobretudo, tradicional, teórica, preocupada com a formação cultural; e, a segunda, norte-americana, moderna, funcional e ampla.

1. — A influência francesa.
2. — A influência americana.

1. A INFLUENCIA FRANCESA

«Il faut décloisonner les facultés, organiser des départements et préciser le rôle des professeurs».

Pierre Aigrain, Diretor do Ensino Superior da França (Entrevista a *Le Monde*)

Históricamente, tivemos Faculdade antes da Universidade. Esta é uma marca indelével na formação do nosso sistema universitário. Precisamente, começamos o ensino superior em Faculdades profissionais, Medicina e Direito.

Adotamos o modelo da Faculdade francesa do início do século passado. A França suprimiu todas as Universidades, em 7 de setembro de 1793, porque estavam "entachées d'aristocratie". "A República não tinha por que formar sábios, mas "homens livres". Os revolucionários criaram escolas profissionais "para os homens de lei e os práticos da Medicina", sem que houvesse, entre elas, nenhuma ligação (2).

Depois do 18 Brumário e de longos tateamentos, a ênfase é colocada na preeminência das ciências e no caráter profissional de quase todo o ensino superior. Embora retornassem muitas das antigas práticas, não se pronunciava o nome "universidade", comprometido que estava com o regime anterior.

Com Napoleão, o ensino é dividido geograficamente em Academias (divisão que ainda perdura), das quais fazem parte as Universidades. Afora os grandes estabelecimentos científicos, o ensino foi distribuído em "cinco ordens de faculdades", a saber: Teologia católica ou protestante, Direito, Medicina, Ciências e Letras.

São tais idéias sobre Faculdade, como unidade do ensino superior, que influíram no começo do seu estabelecimento, no Brasil. A Faculdade é a forma, o ensino profissional, o conteúdo.

A Faculdade perdura na França. O depoimento do Prof. Jean Gaudemet é ilustrativo: "O que há, na França, é a Faculdade, antes da própria Universidade" (3).

Se a Faculdade tem marcado tanto a nossa vida universitária, vejamos a sua situação na estrutura universitária francesa, a crítica ao seu "cloisonnement" e o aspecto residual do "espírito de faculdade".

A). A FACULDADE NA ESTRUTURA UNIVERSITARIA FRANCESA

L. Capdecome descreve as Universidades francesas como constituídas, em princípio, *pela reunião de estabelecimentos de ensino superior público*, dentro da mesma competência territorial, que se chama Academia (4). A colação de graus universitários — "baccalauréat", licença, doutorado — pertence exclusivamente às Faculdades. Sintoniza a posição exata da Faculdade na Universidade: "Se bem que elas dependam da Universidade, *as Faculdades têm personalidade jurídica e financeira, dispoem de fato de grande autonomia*".

Continuam a existir as "cinco ordens de faculdades": Direito e Ciências Econômicas, Medicina, Farmácia, Ciências, Letras e Ciências Humanas. Todas as Universidades não têm senão cinco Faculdades. O ensino da Medicina e da Farmácia pode ser junto. Em alguns casos, o ensino é ministrado por uma Escola, Colégio ou Instituto, mas sempre ligado, cientificamente, a uma Faculdade.

A Faculdade não é uma unidade simples. Pelo contrário, congrega outras entidades. Ao seu lado e sob sua tutela, funcio-

nam estabelecimentos, tais como: Colégios ou Institutos, Centros, que permitem a desconcentração geográfica do ensino.

A estrutura que tem por base a Faculdade não é, todavia, rígida. Nota Capdecome que "desde 1920 foram multiplicados regularmente os Institutos de Faculdade e de Universidade, organismos de ensino ou de pesquisa dotados de certa autonomia, com Conselho Administrativo próprio, onde podem entrar pessoas estranhas à Universidade. São várias as suas missões: uns Institutos podem desconcentrar o ensino tradicional, outros são orientados para o ensino especializado e podem conceder diplomas particulares, diferentes dos graus universitários tradicionais, por exemplo, diplomas de Engenharia. Ainda outros são orientados exclusivamente para a pesquisa especializada. Enfim, em certos casos, é permitido a várias Faculdades se associarem com vistas a pesquisa ou ensino. Muitos destes Institutos são ligados à Universidade".

Por fim, ao concluir sobre a atual estrutura da Universidade francesa, diz Capdecome: "a criação de Institutos de Universidade, que permitem a várias Faculdades cooperarem no seio do mesmo organismo, tem desempenhado um papel muito importante para reduzir o "cloisonnement" que teria podido se introduzir entre diferentes Faculdades dentro da mesma Universidade".

Embora a Faculdade persista, há os Institutos que possibilitam relações entre eles e as Faculdades, visando sobretudo a pesquisa e o ensino mais especializado.

B.) O "CLOISONNEMENT" DA FACULDADE

A Universidade formada por "ordens de faculdades" apresenta pontos críticos ponderáveis. Os defensores da "Faculdade", no Brasil, deveriam ter conhecimento deles.

Pierre Aigrain, Diretor Geral do Ensino Superior Francês, em entrevista a *Le Monde* (5), mostrou as principais contribuições do Colóquio de Caen, reunido para tratar de problemas universitários franceses. Como são aspectos da principal influência que nos afetou, vejamos os três pontos principais: 1.º crítica à Faculdade; 2.º referência à experiência norte-americana; e por fim, 3.º o que disse Pierre Aigrain sobre o papel do professor universitário. Todos estes pontos têm íntima correlação com os nossos problemas universitários.

1.º) Primeiramente, a crítica ao “fechamento” da Faculdade: “Il faut décloisonner les facultés”. É preciso “descompartimentar” as faculdades, isto é, “tirar os tabiques” e abri-las, substituindo-as por outras unidades, que preencham um maior número de seções. Os diretores e professores, reunidos em Caen, foram incisivos ao afirmarem que, se a divisão por Faculdades e os privilégios não forem abolidos, o futuro da Universidade francesa lhes parece sombrio.

Em face da Faculdade, o Prof. Aigrain redefine Universidade: “Universidade significa, em oposição a isto que conhecemos sob o nome de Faculdade, que os estabelecimentos de ensino superior do futuro não deverão mais ser limitados pelas disciplinas que ensinam em ordens de Faculdades”. O problema é substituir a divisão em Faculdades por uma outra compreendendo um número maior de seções. Estas seções poderão se reunir separadamente ou em grupos. A variedade de disciplinas ensinadas é, aliás, considerável para que se possa querer reuni-las separadamente. A composição dos grupos de seções pode ser variável de reunião em reunião e os contactos interdisciplinares os mais diversos, podendo estabelecê-los no curso da mesma sessão, ou, pelo menos, no curso de sessões sucessivas. É a plena mobilidade da Universidade — a Universidade aberta — em substituição ao fechamento das disciplinas nas Faculdades.

2.º) Quanto à referência à Universidade americana, aventaram-se vários procedimentos.

Foi sugerido que os pesquisadores estrangeiros reconhecidos fôsse consultados para a nomeação, a fim de que a consangüinidade e o nepotismo não interferissem. As Universidades americanas costumam solicitar a opinião de especialistas estrangeiros, ingleses e franceses, para designação de pesquisadores.

A Direção e o Departamento foram também discutidos. Foi proposto que a Direção dos estabelecimentos fôsse simplificada e pudesse ser dotada de um verdadeiro govêrno, pouco numeroso, podendo ser exercido por pessoa estranha à Universidade. Nos E. U. A., alguém que não seja professor pode dirigir a Universidade. Além disto, que entre a Direção e a cátedra individual se interponham escalões intermediários: Departamentos, para os problemas de ensino, e Institutos, para os de pesquisa. Na França, discutem-se padrões universitários americanos.

3.º) Por fim, a necessidade de precisar o papel do professor universitário. A situação é muito semelhante à brasileira.

Preliminarmente, o Colóquio de Caen pediu a supressão da cátedra. Vez que já desapareceu há muito tempo o motivo de sua criação: a existência, na Idade Média, de só um professor por disciplina. Referente à cátedra, parece haver dois tipos de professores. Há o "professor titular a título pessoal", sem cátedra, com menor razão para degenerar em feudalismo. E existe o "titular de cátedra".

O papel do professor está ligado ao tempo que permanece na Universidade. A sua obrigação não se limita aos "cursos magistrais". O prof. Aigrain visualiza uma nova situação: "Parece-me útil afirmar que um professor deve à sua Faculdade quarenta horas de trabalho por semana, repartidas em todos os tipos de atividades que compreenda sua missão: ensino magistral, direção de trabalhos práticos, pesquisa e direção de investigações, administração, participação nos Conselhos, nas Congregações e nos exames, etc. Deveria assegurar o serviço não somente durante o ano escolar, mas, como todo funcionário, em tôdas as semanas do ano. Certo que é preciso prever, e talvez mais liberalmente que no presente, a possibilidade de autorização de ausências para estudos, para participação em congressos. Pode-se mesmo oferecer o direito de acumular, durante três ou quatro anos consecutivos, as ausências não utilizadas. O que equivalerá a dar aos professores um semestre "sabático" todos os quatro anos, sistema que se tornou prática corrente na Universidade americana".

Desta forma, no país de origem, fala-se em substituir a Faculdade por seções mais móveis, em adotar procedimentos da Universidade americana e em ocupar o tempo todo do professor, exclusivamente, com as tarefas universitárias. E ainda há, no Brasil, quem defenda a Faculdade!

C.) A RESISTENCIA DO "ESPÍRITO DE FACULDADE"

A Faculdade foi a maior influência da Universidade francesa na estrutura universitária brasileira. Importamo-la como forma para o ensino superior que nascia e continuamos a utilizá-la. Como sempre, o produto de importação adaptou-se e modificou-se. A situação da instituição aqui é bem diversa do seu país de origem. A Faculdade, na França, leva ao mais alto aprimoramento cultural, à especialização, aos requintados e exigentes doutorados. Tal manifestação não houve aqui, salvo excessões. (O problema não é da influência, nem da cultura, nem do espírito francês, mas de estrutura universitária). Lá, a Faculdade funciona, criticável ou não.

Os franceses têm uma grande tradição universitária, que sempre foi exemplo para nós.

A França não limitou suas Faculdades à formação profissional. Ao lado de Faculdades, como Direito, Medicina e Farmácia, possui as de Ciências e as de Ciências Humanas e Letras. Aqui, restringiram-se, tão-somente, à formação profissional, em detrimento da científica. Alguns educadores cogitaram desta Faculdade de Ciências como forma intermediária entre a fragmentação atual e a integração em Institutos. Durmeval Trigueiros pondera, primeiramente, que estas Faculdades, embora ministrem cursos de amplo conteúdo cultural e científico, não mantêm com outras Faculdades a relação que existiria entre cursos básicos e cursos profissionais; em segundo lugar, não se pode gabar as Universidades francesas, especialmente a de Paris, pelo aspecto da organização (6).

Reduzida a Faculdade pela coordenação, restará o seu "espírito", quer dizer, fechamento, separação, dificuldade de integração. É o resíduo da antiga estrutura. O que terá proeminência não será a Faculdade, mas o *curso*. Como conviverão vários cursos dentro de uma unidade?

À Faculdade isolada correspondeu a cátedra autônoma, o que tem impossibilitado a coordenação didática: "É a erigida "autonomia" das escolas que liquida qualquer tentativa de desenvolver programas comuns, somando forças e recursos de tôdas as unidades para a realização de planos de trabalho realmente universitários" (7). Enquanto houver a autonomia da cátedra o Departamento será um órgão sem função efetiva. O Departamento implica em coordenação de disciplinas, como coordenar o que se julga autônomo? Daí os choques ou as ausências entre os programas.

A reestruturação funde, desdobra ou extingue unidades, logo, haverá alteração na estrutura de poder. Terá força para "abrir" a Faculdade?

Evidente que de 1808 a 1968 passamos por vários marcos de integração. O passado favorece a Faculdade profissional. Os quadros que dirigem o País foram formados por ela, os mais novos pelas "federações de escolas". Tudo agirá como força de resistência contra a integração didática, uma das principais realizações da reestruturação. A duplicação e outros defeitos da estrutura por Faculdades não serão eliminados de primeira.

A superação da Faculdade, mesmo na França, mostra que se deve procurar um sistema universitário com maior

comunicação entre as unidades. Lá, conforme vimos, começa a se discutir padrões universitários americanos.

2. A INFLUÊNCIA AMERICANA

«*Publish or perish*»

Reirão universitário norte-americano

Se durante muito tempo adotamos o modelo da Faculdade francesa, mais recentemente, são os padrões norte-americanos que nos têm influenciado. Não os do "Liberal Arts College", mas os da moderna Universidade polimática.

Até os americanos chegarem à grande Universidade passaram por vários tipos de instituições, que demonstram a mudança da necessidade de conhecimento de uma sociedade em progresso.

Pode-se dividir a influência da Universidade americana em duas maneiras:

a) nas práticas mais modernas de ensino e pesquisa; e
b) na estrutura e concepção de Universidade. Como, também, em dois momentos evidencia-se tal influência:

a) na medida em que a reestruturação adota procedimentos da Universidade moderna, aumenta a presença de padrões americanos;

b) anteriormente, a influência teve o seu primeiro momento com a criação da Universidade de Brasília. Como estrutura moderna, está plena de traços acadêmicos norte-americanos: ciclos de graduação, pesquisa como atividade docente, ênfase no ensino graduado e até na autonomia sob a forma de Fundação.

Com a Universidade de Brasília deu-se um interessante efeito de transposição.

A transposição de padrões de uma sociedade mais para outra menos desenvolvida, de início, é considerada como revolucionária. É que tais padrões são de uma etapa econômica mais avançada. No caso, de uma sociedade de consumo de massa ou de uma "sociedade de abundância". Em tal tipo de sociedade, as afirmações podem ser realmente democráticas e livres, pois o altíssimo nível de renda o permite. Quando êstes mesmos padrões são transportados para sociedade de renda mais baixa, a maior ou menor aceitação dependerá do estágio sócio-econômico em que estejam as camadas sociais. Num primeiro tempo, a reação dos setores que representam "a sociedade tradicional" é desfavorável, podendo ir até

à supressão da transposição. Todavia, quando as forças que representam os estágios mais adiantados convencem-se de que os padrões lhes são úteis, conseguem superpor sua adesão à reação dos setores mais tradicionais e readotam a transposição.

Persistíamos com o esquema obsoleto de Faculdades enquanto havia novos padrões universitários, já aceitos universalmente e que foram incorporados à Universidade de Brasília. Quando tivemos que adotá-los, servimo-nos da experiência doméstica — brasiliense — que estava bem mais próxima. Há quem pense que a separação do ensino em básico e profissional e outras medidas tenham sido copiadas da Universidade de Brasília; na realidade, a Universidade americana há tempos as adota.

As duas fases do efeito de transposição se deram na vinda e na recusa dos padrões americanos. Primeiramente, a aceitação entusiástica, resultado da inovação, com recuo quase supressivo em intensificação oposta à animação inicial. No segundo momento, readoção dos novos padrões, quando então se firmam na estrutura.

O que comprova o efeito de transposição — adoção e recuo de padrões de sociedade mais para outra menos desenvolvida — é que, no caso da Universidade de Brasília, os procedimentos americanos foram julgados revolucionários por gregos e troianos, sem que se identificasse a sua origem.

Vejamos as maneiras como a Universidade americana vem influenciando na nossa, tendo o cuidado de antes fazer um ligeiro escôrço da evolução do ensino superior. Portanto, em quatro itens procuraremos identificar a influência: em primeiro lugar, do "College" à grande Universidade; em segundo, contactos e mudanças; em terceiro, ensino graduado e pesquisa; e, por último, dinamismo e imobilismo.

A.) DO "COLLEGE" A GRANDE UNIVERSIDADE

O "Liberal Arts College"

O ensino superior americano começou com o "Liberal Arts College", pequena universidade colonial, impregnada de valores religiosos (8). Foi uma adaptação norte-americana das Universidades inglesas. Duas idéias trouxeram os colonos: necessidade de clero preparado e o ideal renascentista de formar cavalheiros cultos, capazes de exercer uma liderança política e cívica.

Os currículos refletiam tais propósitos. Ensinava-se latim, matéria fundamental, grego, hebreu, filosofia e matemática. Com a Revolução Americana e a Ilustração, passaram a ministrar aulas de anatomia, química, línguas modernas, etc. O período de maior prestígio vai até os princípios do século passado.

Hoje, não obstante os alunos freqüentarem organizações maiores, ainda há 700 a 800 dêste tipo de estabelecimentos, representando mais de um terço de tôdas as instituições de ensino superior. Possuem, em média, de 500 a 600 alunos.

Os seus objetivos vão desde fornecer ensino liberal e amplo com o fito de preparar para a vida não profissional, até lecionar cursos de preparação profissional. Formam também professores secundários. Enviaem 65% a 80% dos alunos para o ensino mais avançado. O seu propósito básico é o ensino do 1.º ciclo e o pré-profissional.

O "Land-Grant College"

Foi o segundo tipo de instituição de ensino superior que apareceu. Representou um repto lançado ao clássico "Liberal Arts College". O Governô doou terras com a obrigação de se criar uma instituição de ensino superior por Estado, que ensinasse "os ramos do conhecimento relacionados com a agricultura e as artes mecânicas". Tratava-se de exigência de uma sociedade que desenvolvia a agricultura e a indústria, necessitando de escolas mais práticas.

Enquanto isto as tendências dos "Colleges" eram intelectual e literária, não proporcionando e nem estando interessados na educação de agricultores e mecânicos.

Atualmente o "Land-Grant College" tem como características: a) proeminência do ensino de agronomia; b) relacionada com a agricultura, ensina economia doméstica, veterinária e dietética; c) engenharia e ciências físicas dirigidas para a prática; d) extensão agrícola; e) artes e ciências. Assim, tornou-se Universidade.

A Universidade

Por fim surgiu a Universidade.

A Universidade moderna foi uma importação da Alemanha para a América, enxertada no "Liberal Arts College" ou no "Land-Grant College".

Num parêntese, como surgiu, na Alemanha, o nôvo tipo de Universidade?

A Prússia saiu derrotada, em 1806, pelas tropas de Napoleão. Os intelectuais e nacionalistas alemães viram na Universidade um meio pelo qual o prestígio, a dignidade e a influência dos Estados alemães poderiam ser reestabelecidos. Cria-se a Universidade de Berlim, com acentuado propósito na pesquisa, no ensino das ciências e da filosofia, e na instrução graduada (9).

Como trouxeram e como adaptaram o novo modelo?

Encontraram os americanos um padrão de educação superior e bem avançado. A Revolução Industrial criou a solicitação do ensino técnico, que não poderia ser ministrado num currículo clássico. Por questões internas "uma civilização em desenvolvimento necessita conhecer as ciências naturais para compreender a enormidade territorial que eram os Estados Unidos da América e as ciências sociais para justificar e explicar as operações dos crescentes ramos de negócios e do Governo" (10).

Os dirigentes universitários converteram o "Liberal Arts College" em verdadeira Universidade, influenciados pela alemã, transformando seus estabelecimentos em centros de ensino graduado e de pesquisa. Já no século passado dispunha a América de disponibilidades de recursos que permitiam o seu emprêgo em estudos aprofundados e em investigação.

Cresceu a Universidade americana. Dentro dela estão situadas escolas profissionais, tais como Administração, Comércio, Engenharia, Jornalismo, Medicina, Odontologia, Direito, Teologia. A forma universitária americana é mais ampla do que a européia. Ofícios e profissões são considerados como universitários.

É uma instituição democrática, prepara tanto o teórico, como o executor. É uma instituição voltada para servir a sua comunidade. Talvez seja esta a característica maior da Universidade americana. É uma entidade que conserva o que a cultura produz de melhor, em museus, coleções e bibliotecas.

Por fim, alguns elementos significativos da Universidade americana:

a) Quanto ao currículo, dois princípios são considerados. *A obrigatoriedade*: o curso contém as matérias que devem ser conhecidas de todos os que desejam ter uma educação completa. *A livre escolha*, que nasceu em virtude dos acontecimentos que ensejam a especialização e a prática. Embora haja ênfase na cultura geral, a "escolha de cursos" predomina.

b) Com o ideal germânico de Universidade, os professores passaram a dar maior atenção à pesquisa do que ao ensino e às atividades estudantis. A psicologia mostrou o valor das emoções e a importância do aconselhamento. Atenção foi dispensada às atividades extracurriculares, construindo-se mais residências.

c) Como são grandes organizações, adotaram a técnica de dirigir e controlar dos empresários. Adotaram a técnica de administração de empresa para atender à complexidade da administração e manter a produtividade.

d) Didaticamente, quem organiza os cursos não é nem a Universidade, nem a Escola. O Departamento de Ensino encarna a autoridade acadêmica.

e) Como tem reagido ao papel de liderança da sociedade americana?

Entre outras medidas, com cursos especiais para os melhores alunos, estimulando-os a estudar mais e livremente, dispensando-os dos cursos normais e lhes permitindo estudo intenso, numa especialidade, com os melhores professores. São os "cursos de honra", com "métodos de estudo livre", com trabalho à vontade e com pouca supervisão.

Após a segunda guerra, dada a referida posição mundial, incentivou-se a ida de estudantes ao estrangeiro para realizarem cursos. Pelos mesmos motivos, aumentou-se o interesse pelas culturas não-ocidentais.

É esta instituição, grande e polimática, que acompanha as necessidades de sua sociedade, que passou a influir no mundo, como novo modelo.

B.) CONTACTOS E MUDANÇAS

A influência da Universidade americana fez-se mais patente, depois de 1945, pelas bolsas e visitas de professores a centros universitários. Por outro lado, a América Latina despertou a atenção de pesquisadores americanos, tendo crescido o número de teses sobre o Brasil. Bolsas, visitas, missões e presenças têm contribuído para adotar-se muitas das práticas de ensino superior. Emprega-se, por exemplo, o sistema de crédito, o de pré-requisito, a nota por participação, o estágio supervisionado, a coordenadoria didática, o aconselhamento.

Ainda quanto ao método de ensino, procura-se fugir da imprópria chamada aula teórica, para o seminário, onde tenha o aluno a máxima participação. Um dos méto-

dos mais empregados é o "case study". Utilizando-se outros expedientes como a "dramatização" e a "simulação". São usados materiais didáticos, como o projetor, a máquina cinematográfica, e outros recursos. Algumas Escolas têm ensinado a técnica das comunicações para aumento da eficiência pessoal.

Além dessa mudança no método, outra tem-se dado na estrutura. Muitas Universidades têm, atualmente, dois tipos de unidades: a Faculdade, tradicional e formal; e a Escola, moderna e aberta, com semelhanças da "graduate school". Na Universidade Federal da Bahia, por exemplo, a Escola de Enfermagem tem muito da estrutura de uma escola de graduação. A Escola de Administração tem nítida influência americana, com coordenadoria, pré-requisitos, etc.

Quanto à estrutura ainda, o papel que o Departamento vem desempenhando é, em grande parte, por tal influência. A maior presença está na concepção ampla de Universidade.

C.) CICLOS, ENSINO GRADUADO E PESQUISA

Na reestruturação, o curso superior é diferenciado em instâncias de graduação, e se une institucionalmente o ensino à pesquisa.

Na Faculdade, o aluno entra e segue as matérias do currículo, tôdas endereçadas à formação profissional. Falta-lhe o curso básico: Propedêutico. (A especialização já começa muito antes, no curso colegial, com escolha de matérias para os vestibulares e abandono das demais). Diferentemente, ocorre na Universidade americana. Há o 1.º ciclo, curso básico, e o 2.º ciclo, profissional. O primeiro é fundamental, formando o aluno dentro dos conhecimentos gerais, dando-lhe base científica, humanística, ou artística, sem preocupação profissional. Uma vez adquirida esta base, poderá escolher a profissão e o curso correspondente. O curso básico e comum, para determinado grupo de ciências, é a condição existencial da própria Universidade, inexistente numa Universidade por Faculdade. E no nosso caso contamos com meios que possam compensar a prematura escolha profissional.

A Universidade americana divide o ensino superior em dois ciclos:

1.º ciclo é o "undergraduate". Curso básico de conhecimentos gerais, composto de alunos pré-graduados, com duração de quatro anos. Serve, sobretudo, para testar as habilidades dos jovens.

2.º ciclo é o "graduate". Curso profissional, integrado de alunos graduados. No "post-graduate", prepara-se o mestrado ou o doutorado (Ph. D.).

Na Universidade de Harvard, por exemplo, a educação diversificada é dada no "College" e a especializada nas Escolas de graduação. A Universidade tem o seu "College" e mais dez escolas profissionais, cada qual com administração separada, com seu corpo docente, entretanto, podendo ser utilizado no ensino diversificado do "College", graças ao harmônico funcionamento dêste com as Escolas (11).

Com os dois ciclos há bem mais possibilidade de uma formação geral. É diferente da atual situação brasileira, onde, demasiadamente cedo, ao ingressar, começa o aluno a "deformar-se profissionalmente", sem que possa ter a mínima oportunidade de escolha de disciplinas e de formar uma cultura básica.

A Universidade de Brasília adotou a divisão em ciclos: Institutos Centrais e Faculdades.

Com a reestruturação, a diferenciação ficará mais definida: "o ensino e a pesquisa básicos serão concentrados em unidades que formarão um sistema comum para tôda a Universidade", é a criação ou a diferenciação do 1.º ciclo; e o 2.º ciclo, ou seja, "o ensino de formação profissional e a pesquisa aplicada serão feitos em unidades próprias, sendo uma para cada área ou conjunto de áreas profissionais afins". A lei brasileira não previu a duração do primeiro ciclo.

Somente agora é que viemos dividir o curso por instâncias de graduação. Justamente, no momento em que se discute a permanência do 1.º ciclo na Universidade: "deve uma universidade ter alunos do 1.º ciclo? Os teóricos há muito acham que não. Entretanto, êste ensino continua sendo ministrado e contribui com um auxílio substancial na sustentação de todo o estabelecimento" (12). O que se acha superado alhures, vai ser inovação aqui. O certo é que precisamos desta divisão. No estágio em que se encontra a grande Universidade americana, voltada para a alta pesquisa, para os cursos de especialização, interessada em teses de doutorado, a preocupação com o 1.º ciclo parece diminuir. O M. I. T., por exemplo, para economia, só tem curso para graduados (13).

Na pesquisa ligada ao ensino, a influência americana é bastante penetrante, sobretudo através do incentivo financeiro, que vem prestando aos programas de investigações custeados pelas Fundações.

D. DINAMISMO E IMOBILISMO

Ao finalizar a visão da Universidade americana, em alguns traços, e sua presença no meio universitário brasileiro, cabe dizer que não estamos advogando a americanização do nosso ensino superior. As situações são bem diferentes.

A Universidade reflete o dinamismo da vida americana. O jargão universitário do "Publish or perish", publica ou morre, demonstra o tipo de trabalho que o professor deve fazer. A maneira mais efetiva de demonstrar que está trabalhando é escrevendo e publicando. O docente comprova sua capacidade de trabalho nas publicações, nos cursos, na presença a congressos, no aceitamento a convites, no assessoramento, de muitas maneiras. Quase sempre está a mudar de Universidade, que poderá reter os melhores com salários diferenciados.

Por outra, como bem frisou o Reitor Pedro Calmon, "a Universidade lá é comunitária, não depende da tutela do poder público, tudo se processa em função do "social", enquanto entre nós, tudo caminha em função do "estatal".

A evolução do ensino superior deu grandes voltas e fez esforços e reajustes, para acompanhar as exigências do país. Bem diferente tem sido a evolução, no Brasil. Durante muito tempo, todo o Império, restamos presos a poucas Faculdades. Só tempos depois, 1920, reunimos, administrativamente, as Faculdades em Universidade. Tem sido difícil a integração universitária. Muito se tem que fazer para integrar o conglomerado de Escolas, Institutos e Faculdades, a fim de que se possa oferecer ensino mais produtivo. A forma ampla se compõe de *núcleos inovadores*, agressivos e programáticos, tendo ao lado *unidades persistentes*, desmotivadas, que cumprem o mínimo em matéria de ensino.

No espírito, na evolução e nos dinamismo somos bem diferentes.

Se a Universidade medieval visava à formação humanística e a Universidade alemã do início do século passado à pesquisa, a americana, ensinando o que a comunidade precisa, fixa um padrão para a Universidade "em questão" dos nossos dias.

Ao fim das comparações entre os sistemas universitários que nos têm, sucessivamente, influenciado, pode-se prever que a reestruturação, na proporção em que moderniza a Universidade brasileira, diminuirá a influência francesa e colocará em realce a americana. Fato que se observa em todo

o mundo. A França discute a aceitação de procedimentos americanos para a sua organização universitária.

Enquanto o francês forneceu *a forma da unidade* — a Faculdade — o americano deu *o modelo para a concepção* de Universidade. A Faculdade que permanece “*demi cloisonnée*” veio da França. A Universidade que iguala democraticamente profissões nobres e menores origina-se dos E. U. A. A Universidade francesa compõe-se de cinco ordens de Faculdades. Grandes estabelecimentos científicos estão fora da Universidade, como também o ensino técnico. A Universidade americana congrega maior parte do ensino superior.

Na atitude psicológica ou no método de ensino, que revelam a índole do povo, a diferença é marcante. O ponto alto do ensino francês é o curso magistral, bem trabalhado, expositivo, com plano, claro, onde o aluno ouve. Embora tenha a Universidade francesa outros métodos de transmissão que visam à participação do aluno: seminários, direções de estudos, direção de pesquisa, trabalhos práticos (14). O estilo americano é diverso, sem desmerecer das conferências, dá preferência pela indução, exemplo, o estudo do caso. Ensino menos formal, que considera o comportamento — a participação — ao lado do conhecimento.

Se há uma instituição que deve estar sempre aberta é a Universidade, para colher e receber a experiência estrangeira, válida e funcional. Venha da América o sentido de comunidade; da França o espírito de método; da Inglaterra as experiências de suas novas Universidades.

Como se harmonizarão as estruturas, resultantes de diferentes sistemas universitários, ao reestruturar a Universidade?

Da reestruturação resultou a constituição de dois grandes escalões: o ensino básico e o profissional. O primeiro, formado de Institutos, encerra o conhecimento comum, é a maior inovação. No segundo, persistem as Faculdades e Escolas.

EDIVALDO BOAVENTURA

1 Referência feita no *Boletim Cambial/Semanal* de 6/11/1967, n.º 291, p. BC-S 38.

2 René Aigrain, *Histoire des Universités*, Paris, PUF, 1949, 126 p. Obs: No capítulo sobre «As Universidades na Época Clássica», o autor começa a falar das modificações sofridas pela Universidade, por causa da Revolução Francesa. No capítulo seguinte, «As Universidades Europeias em 1800», mostra as sucessivas transformações passadas pela Universidade Francesa, inclusive as realizadas por Napoleão.

3 O Prof. Jean Gaudemet, da Faculdade de Direito e Ciências Econômicas da Universidade de Paris, esteve na Bahia em setembro de 1966. Nessa ocasião, conversou com o autor sobre as modificações introduzidas na Universidade e da grande força que tem a Faculdade na Universidade francesa.

4 I. Capdecome, «Les Universités Françaises, Situation Actuelle et Perspectives», in *L'Enseignement Supérieur en Europe, France, Pays-Bas, et Pologne*, Paris, UNESCO, 1964, primeira parte p. 5-55, Coleção Estudos e Documentos de Educação, n.º 49.

5 Pierre Aigrain, «É preciso abrir as Faculdades, organizar os departamentos e precisar o papel dos professores», *Le Monde*, seleção semanal, Paris, 3-9 agosto, 1967, p. 7.

6 «Prof. Durmeval Trigueiros oferece subsídios à Reforma Universitária» *Bol. Informativo da UFBA*, parte cultural, 112-113: 44-73, mar/abr., 1966.

7 Darcy Ribeiro, *A Universidade e a Nação*, Rio de Janeiro, MEC, INEP, 1962, p. 15.

8 H. S. Brown e L. B. Mayhew, *Ensino Superior Americano* (American Higher Education), Rio de Janeiro, Editora Bloch, 1967, 117 p.. Obs: o livro trata da evolução do ensino superior americano no capítulo 2.º «Modelos e Influências». O item do presente trabalho — Do «College» à grande Universidade — pode ser considerado como um resumo daquele capítulo.

Ainda mais, de modo geral, os principais elementos sobre a Universidade americana foram tirados da obra citada. Some-se a isto o conhecimento pessoal, oriundo de visitas a estabelecimentos universitários americanos.

9 Idem, op. cit., p. 14.

10 Idem, op. cit., p. 42.

11 A Universidade de Harvard é referida, no exemplo de diferenciação de cursos, porque o autor a conheceu de perto, tendo participado do «Harvard Summer School», em julho de 1967, no programa da Associação Universitária Interamericana (AUI). Serviu-se de documentação sobre a mais antiga das Universidades americanas, especialmente, de *An introduction to Harvard*.

12 Brown e Mayhew, op. cit., p. 45.

13 Massachusetts Institute of Technology, *The Graduate Program in Economics*.

14 Huguette Durand, *Les Travaux Pratiques dans les Facultés de Droit et des Sciences Économiques*, Grenoble, 1960, 29 p.